

UMA MENTE EM TRANSE.

Jesuíno Aparecido Andrade

Confusão, choque de partidos, de tendências políticas, de interesses econômicos e violentas disputas pelo poder. Esses são os principais temas abordados por Glauber Rocha no filme Terra em transe. O autor ao criar um lugar fictício (Eldorado) para desenvolver sua história, teve na verdade, a intenção de mostrar o Brasil, um país sempre em “transe”, ou seja, mergulhado em crises. A instabilidade das consciências presente em todo o filme é para mostrar ao telespectador que o momento retratado é de crise e que a mesma só poderá ser solucionada a partir de uma ação popular enérgica e consciente. “as massas devem ser educadas para fazer a revolução”. Esse pensamento extraído do cinema russo de EISENSTEIN é que vai guiar o cineasta na construção de todo o enredo do filme.

As soluções e personagens que são mostrados na terra de Eldorado, sem dúvida fazem alusão ao que acontecia no Brasil na década de sessenta, período de turbulências políticas por motivo da ditadura militar. Aliás, o foco do autor não é somente o Brasil, mas os demais países latino-americanos que possuem processos históricos com muitas semelhanças em relação ao nosso. Apesar dos mais de trinta anos passados da realização do filme, os temas tratados por ele ainda são relevantes se levarmos em conta a situação da nossa sociedade brasileira atual.

Analisamos com rigor alguns personagens do filme: Tomemos como primeiro exemplo, o caso do senador Diaz, político astuto e trapaceiro, que apesar de odiar o povo faz de tudo para ganhar a confiança do mesmo, já que sua meta era tornar-se imperador de Eldorado. Qualquer semelhança com muitos políticos brasileiros da época e também dos dias atuais não é mera coincidência. Outro político inescrupuloso mostrado no filme é Vieira, o governador de Alecrim,

uma das províncias de Eldorado, demagogo e populista que se elege a custa do voto dos camponeses e operários para depois, no poder, ordenar o fuzilamento de seus líderes. Se o Eldorado representa para Glauber Rocha o país, no caso específico, o Brasil; é bem provável que Alecrim como província represente um de seus estados. Há uma possibilidade grande desse estado ser Bahia, já que esta é a terra natal do cineasta e na Bahia o que nunca faltou foi político demagogo e populista como Vieira.

Outro personagem que merece também uma análise minuciosa é Dom Júlio Fuentes, empresário influente em Eldorado, expressão máxima da burguesia, dono de quase tudo no país: Minério, petróleo, siderurgia, imprensa e televisão. O mesmo serve de escada para as ambições imperialistas do senador Diaz e em determinado momento presente que seus negócios estão sendo ameaçados pela concorrência estrangeira da Compañia de Explotaciones Internacionales; revela-se um nacionalista convicto e a partir desta constatação procura aliar-se às forças populares para chegar ao poder político. É provável, que Glauber Rocha ao criar essa situação e esse personagem tenha tido o propósito de discutir a abertura econômica do Brasil ao capital estrangeiro nas décadas de cinquenta e sessenta e as conseqüências do mesmo para o país.

Outra analogia que pode ser feita é a comparação com a Bahia do século XVII, quando as companhias marítimas européias passaram a comandar a economia do estado, substituindo as plantações de cana-de-açúcar bem como toda a estrutura que havia em torno delas, pelo comércio de drogas, como o tabaco. Isso provocou a ira de grupos conservadores que acabaram perdendo o poder econômico que possuíam. Pode-se constatar esses fatos, lendo os poemas escritos por Gregório de Matos, como por exemplo “A Bahia”.

Deve-se destacar também o personagem representado pela figura de um padre anônimo, sujeito que empunhando um crucifixo e a negra bandeira dos fascistas perambula pelas ruas agitando as multidões e defendendo a companhia estrangeira, sob o pretexto de que estava a

servir a Cristo. Há nesse caso uma crítica velada à igreja e a muitos religiosos, que na visão do cineasta são como fariseus, hipócritas; incoerentes no que se refere àqueles que falam e fazem.

Ainda analisando criticamente o filme, não se pode esquecer de citar um dos personagens mais marcantes da obra: O poeta Paulo Martins: Homem ambíguo, que sonha e se aliena. Ele, poeta e soldado, vilão e herói. O poeta é a consciência em transe da terra de Eldorado, ele pensa ser o salvador da pátria, o único capaz de forjar o instrumento de luta, capaz de redimir o país. Mas, depois de muito esforço vê que todos falharam, até mesmo os revolucionários. O poeta sente que sua luta democrática tinha sido vencida e ele caminha só ao encontro dos fuzis que condenam Eldorado ao papel de um país que agacha, exemplo dessa fragilidade é a cena que o poeta tenta ultrapassar as barreiras da polícia e seu corpo tomba crivado de balas. Com esse personagem, Glauber Rocha parece querer representar o intelectual brasileiro dos anos sessenta, incapaz de agir para evitar o golpe militar que culminou na implantação da ditadura e posteriormente na censura aos meios de comunicação. Ou talvez ele tenha pensado em representar na figura do poeta todo o povo brasileiro que crente na utopia do milagre econômico assistiu bestializado a tomada de poder pelos militares.

Para finalizar, vale ressaltar que a obra de Glauber Rocha revela-se complexa e ambígua. Percebe-se claramente a influência marcante da teoria freudiana em todo o enredo, uma alternância entre o consciente e o inconsciente. Outro ponto de relevância é a crítica que o autor faz das elites políticas e econômicas e do poder doutrinário da igreja. Semelhanças podem ser vistas entre ele e Rabelais, autor do século XVI que valoriza a cultura em oposição à erudita. Para compreender a essência do filme é preciso reconhecer que Glauber Rocha é um revolucionário da imagem, o representante máximo do Cinema Novo brasileiro, aquele que achava que para fazer cinema “bastava ter uma idéia na cabeça e uma câmera na mão”. Em síntese, aquele que possuía uma mente permanentemente em transe.

Referência Audiovisual

ROCHA, Glauber. Terra em transe. Mapa Filmes e Difilm . Rio de Janeiro, 1967. 115 min.